

# Genaro 100 anos Bordando a Bahia

POR DENISE MATTAR

Iniciando as comemorações do centenário de nascimento de Genaro de Carvalho, a Galeria Passado Composto Séc. XX apresentou em seu estande na 22ª SP Arte, a exposição solo Genaro 100 anos - Bordando a Bahia, complementada por mostra homônima que permanecerá em cartaz até o dia 24 de maio de 2026, no espaço físico da galeria, localizado na Alameda Lorena, 1996, em São Paulo.

## Heranças em fios

Convidada a realizar a curadoria das duas exposições, me debrucei sobre amplo material de pesquisa coletado por Graça Bueno, reunindo tapeçarias, pinturas, fotografias, catálogos e recortes de jornais e revistas nacionais e internacionais. O material permitiu estabelecer, na exposição da galeria, diálogos de diversas ordens, reunindo desde o mítico tapeceiro francês Jean Lurçat, que ainda na década de 1950 reconheceu o talento de Genaro, a artistas coetâneos que compartilharam a magia baiana, como Carlos Bastos, Mario Cravo Jr. e Mirabeau Sampaio, alcançando tapeceiros que seguiram o caminho aberto pelo artista, dando continuidade a seu legado, como Gilda Azevedo, Jean Gillon, Jorge Cravo, Maria Helena Andrés, Rubem Dario e Sylvio Palma - irmanados pelo encanto com a tropicalidade brasileira.

DECIDIDO  
A FAZER  
TAPEÇARIA,  
GENARO  
RECUSOU  
O MODELO  
EUROPEU  
E BUSCOU  
INSPIRAÇÃO  
NA TÉCNICA  
DAS ARTESÃS  
DAS REDES  
NORDESTINAS



PASSADO COMPOSTO SÉCULO XX, GENARO DE CARVALHO, CRIAÇÃO ABSTRATA, 1966, TAPEÇARIA EM LA

Nascido em Salvador, em 1926, Genaro de Carvalho foi pintor, desenhista e o pioneiro da tapeçaria no Brasil. Em 1949, recebeu uma bolsa de estudos do governo francês que o levou a Paris. Lá, frequentou os ateliês de André Lhote e Fernand Léger, absorvendo o espírito das vanguardas europeias e experimentando uma liberdade plástica que marcaria

decisivamente sua trajetória. Ao retornar ao Brasil, em 1950, encontrou uma Salvador em ebulição cultural. Na Universidade da Bahia lecionavam nomes como Koellreutter, Lina Bo Bardi e Yanka Rudzka. O cabaré Anjo Azul agitava a cena artística, e logo surgiria a Galeria Oxumaré, apresentando artistas modernos de todo o país. ★



FOTO: DORA DE BARROS

PASSADO COMPOSTO SÉCULO XX, CARLOS BASTOS, RETRATO DE NAIR E GENARO, 1963, ÓLEO SOBRE TELA

Nesse ambiente efervescente, Carlos Bastos, Carybé e o próprio Genaro, reunidos no ateliê-oficina de Mário Cravo Jr., forjaram a nova visualidade baiana, criada em consonância com o mundo sagrado de Mestre Didi, as narrativas sensuais de Jorge Amado, e o som de Caymmi. Um exemplo marcante desse período é o painel de 200 metros quadrados realizado por Genaro, aos 24 anos, para o Hotel da Bahia, uma pintura extraordinária que continua encantando o público até hoje. Vale observar que no mesmo período o artista realizou outro painel, O Circo, que foi apresentado na I Bienal de São Paulo, em 1951.

Decidido a fazer tapeçaria, Genaro recusou o modelo europeu e buscou inspiração na técnica das artesãs das redes nordestinas. Em 1955 conheceu a bela Nair, que o ajudou no aprimoramento técnico. Já como sua esposa, em 1957 ela assumiu a administração do ateliê, tornando-se peça fundamental na organização da produção. De forma inovadora, Genaro tornou-se o pioneiro na integração do têxtil às vanguardas do modernismo brasileiro. A vegetação passou a estruturar sua poética visual: folhas, flores e ramos entrelaçam-se à geometria,



FOTO: MARIANA CHAMA

PASSADO COMPOSTO SÉCULO XX, GENARO DE CARVALHO, 1965, TAPEÇARIA EM LÃ

criando superfícies rítmicas marcadas por cores vibrantes. A flora assume dimensão arquitetônica, organizando o espaço pictórico e evocando a memória sensorial da paisagem tropical. Em suas mãos, natureza e cultura, tradição artesanal e invenção moderna se fundem num mesmo tecido.

Em 1955, a Galeria Oxumaré realizou uma exposição com suas tapeçarias, desenhos e pinturas. No mesmo ano, a mostra seguiu para a Petite Galerie, no Rio de Janeiro, ampliando a atenção da crítica. Em pouco tempo, Genaro realizou individuais nos principais museus e galerias do Brasil e do exterior, expondo em Zurique, Hamburgo, Buenos Aires, Le Havre, Copenhague, Lisboa e várias cidades dos Estados Unidos. Em 1965, tornou-se o primeiro artista brasileiro convidado a participar da

Bienal Internacional de Tapeçaria em Lausanne, na Suíça. Hoje, sua obra volta a ganhar destaque em revisões críticas nacionais e internacionais.

Genaro faleceu precocemente em 1971, deixando um legado tecido com ousadia e identidade. Entre o barroco e o moderno, fez da Bahia uma tapeçaria viva, onde cada ponto guarda tradição e invenção. ★



FOTO: DORA DE BARROS

PASSADO COMPOSTO SÉCULO XX, GENARO DE CARVALHO, MARIPOSA BRANCA, 1968, TAPEÇARIA EM LÃ